LODO DE CURTUME NA PRODUÇÃO DE MASSA SECA DE MUDAS DE Swietenia macrophylla (mogno brasileiro)

Autor(res)

Cristiane Ramos Vieira
Carolina Rafaela Vieira Dos Santos

Categoria do Trabalho

Pesquisa

Instituição

UNIC BEIRA RIO

Introdução

Há alguns anos, algumas áreas estão sendo obrigadas a recuperar suas reservas legais. Além disso, existe a necessidade de recompor áreas naturais desmatadas ilegalmente, a fim de repor os exemplares retirados. A S. macrophylla é uma espécie florestal da família Meliaceae muito procurada pela qualidade de sua madeira (Oliveira, 1994). O que fez com que, por muitos anos, indivíduos desta espécie fossem retirados de áreas nativas, de forma legal ou não, havendo a necessidade atual de recomposição.
Para essa recomposição, há a necessidade de produzir mudas e um dos fatores a serem estudados, é o substrato, cuja composição pode conter o lodo de curtume, um material pouco estudado.
De acordo com Santos et al. (2010) a utilização de resíduos orgânicos na composição de substratos contribui com a aeração, retenção de água e formação de estrutura física adequada ao desenvolvimento das raízes das mudas. Por isso, a necessidade de testar a dose ideal do lodo para este processo produtivo.

Objetivo

Avaliar a dose de lodo de curtume, aplicada ao solo, que mais favorece a produção de massa seca de mudas de Swietenia macrophylla (mogno brasileiro).

Material e Métodos

O experimento foi realizado em casa de vegetação, em delineamento inteiramente casualizado, com dez repetições.
As sementes de S. macrophylla foram coletadas e colocadas para germinar em sacolas preenchidas com solo + lodo de curtume, nas seguintes doses: 0,0 g kg-1 (0,0 mL); 1,5 g kg-1 (10,34 mL); 3,0 g kg-1 (20,69 mL); 4,5 g kg-1 (31,03 mL); 6,0 g kg-1 (41,38 mL); 7,5 g kg-1 (51,72 mL); 10,0 g kg-1 (68,96 mL).
As mudas foram produzidas e submetidas por 90 dias as aplicações destas doses de lodo de curtume, que se repetiu a cada 20 dias, sendo aplicadas diretamente ao solo, na forma líquida. Essas aplicações começaram após a queda dos cotilédones.
Depois de 90 dias de crescimento, as mudas foram retiradas, seccionadas em folhas (BSF), caule (BSC) e raiz (BSR), secas em estufa e levadas para pesagem em balança analítica.
Os dados obtidos foram analisados utilizando-se o SISVAR.

Resultados e Discussão

A maior média para a BSF foi observada em mudas no T5, em 5,61 g; enquanto a menor foi obtida no controle, com 1,61 g; um aumento de 71,3% em T5. Para essa característica, em geral, as médias foram crescentes até T5, reduzindo em doses superiores.

Quanto à BSC, resultados semelhantes foram obtidos, pois, as menores médias foram observadas para mudas no tratamento controle (1,52 g); enquanto as maiores foram em T5 (3,27 g); um aumento de 53,8% em T5.

Médias superiores a 3 g de biomassa seca da raiz foram obtidas apenas para mudas em T2, T5 e T6, com médias de 3,08 g, 3,09 g e 3,46 g; as quais foram superiores em 33,8%, 33% e 40%, respectivamente, em comparação com as mudas do controle (2,07 g). De acordo com Carneiro (1995), o melhor crescimento da raiz é importante para dar suporte à massa verde produzida, e ocorre em consequência da qualidade dos substratos. O que pode indicar que a adição do lodo de curtume foi vantajosa para essa produção de massa.

Conclusão

As maiores médias, em geral, para a biomassa seca (folhas, caule e raiz), foram observadas em mudas submetidas a tratamentos com adição de lodo de curtume.

A utilização de T5 - 6,0 g kg-1 (41,38 mL) de lodo de curtume foi o que mais favoreceu a produção de massa seca das mudas de mogno brasileiro, sendo recomendada.

Referências

CARNEIRO, J. G. A. Produção e controle de qualidade de mudas florestais. Curitiba: FUPEF, 1995. 451 p.

OLIVEIRA, F. A. Produção madeireira em regime de curtas rotações na região do rio Barcarena: performance silvicultural e ecológica de espécies de rápido crescimento. Belém: DCF. Convênio FCAP/ALBRAS, 1994. 10 p.

SANTOS, M. R.; SEDIYAMA, M. A. N.; SALGADO, L. T. VIDIGAL, S. M.; REIGADO, F. R. Produção de mudas de pimentão em substratos a base de vermicomposto. Bioscience Journal, Uberlândia, v. 26, n. 4, p. 572-578, 2010.